

## Entrevista com a professora doutora Rhonda Collier, por Alexandra Lima da Silva

Local da realização da entrevista: Tuskegee University  
Data da realização da entrevista: 04/10/2023

Nos meses de setembro e outubro de 2023, a professora doutora Alexandra Lima da Silva visitou a Tuskegee University. Na ocasião, realizou entrevista com a professora doutora Rhonda Collier, diretora do Global Office e professora na Tuskegee University, Alabama, Estados Unidos, desde 2010.



(Foto: Dra. Rhonda Collier em um dos seus escritórios na Tuskegee University. Crédito da foto: Alexandra Lima da Silva)

**Dr. Alexandra Lima da Silva:**

Olá, obrigada por conceder esta entrevista para a CAMINHOS DA EDUCAÇÃO: diálogos, culturas e diversidades.

-Você poderia nos dizer seu nome e há quanto tempo você atua como docente na Tuskegee University?

**Dr. Rhonda Collier:**

Meu nome é Rhonda Collier, sou docente na Tuskegee University há quase 14 anos. Ingressei em 2010, como professora associada em Letras. E atualmente sou chefe do Departamento de Modern Languages, Communication and Philosophy e há oito anos sou diretora do Global Office, responsável pelos assuntos internacionais da Tuskegee University.

**Dr. Alexandra L da Silva:**

- A Tuskegee é uma Universidade Historicamente Negra. Como docente, qual o significado de pertencer a esta universidade?

Dr. Rhonda Collier:

-Em primeiro lugar, a Tuskegee sempre fez parte da minha vida. Meus pais fizeram a graduação na Tuskegee University. Minha avó trabalhou nesta universidade. Meu irmão se formou na Tuskegee também. Então, para mim, Tuskegee sempre fez parte da minha vida. Tuskegee é “minha mãe”, como dizemos em inglês, “mother Tuskegee”. Minha mãe, Gwendolyn Collier, nasceu no campus da Tuskegee University. O edifício onde atualmente eu trabalho é o mesmo edifício onde minha mãe nasceu. E também neste mesmo edifício, minha avó trabalhava. O nome do edifício é John A. Kenney Hall. E John A. Kenney foi o médico de Booker T. Washington. Ele cuidava de Booker T, na passagem do século XIX para o século XX. Então, estou dizendo que a história da minha família passa pela Tuskegee University. Meu pai estudou com os Tuskegee Airmen. Atualmente meu pai é aposentado da força aérea. E então para mim, Tuskegee é família. Para mim é parte da minha história, é muito pessoal, porque sem Tuskegee, eu não estaria aqui como pessoa, nem professora, nem minhas ideias sobre raça, história, família. Tudo isso em mim, vem de Tuskegee mesmo.

**Dr. Alexandra L da Silva:**

-E você sempre teve esse projeto de um dia ser professora nesta universidade?

Dr. Rhonda Collier:

É uma boa pergunta. Meu pai estudou Construção na Tuskegee University. O Booker T. achava que o negro dos Estados Unidos deveria ter uma profissão, que não seria nem arte nem literatura, e sim, construir a nação. E eu fui criada pensando que eu seria engenheira. E ai, eu estudei engenharia na universidade, no Tennessee, na qual anteriormente, meu pai não poderia estudar, porque, sendo negro, ele deveria estudar apenas nas universidades historicamente negras e os brancos poderiam estudar nas universidades estaduais. Então eu estudei na University of Tennessee, Knoxville, que é a universidade do estado do Tennessee, onde meu pai não poderia estudar. E também estudei engenharia, que era uma coisa que meu pai queria estudar. E ele foi formando em Tuskegee, pensando que o valor do negro vem da mão: pensar, construir e comprar. Não valorizam muito as humanidades nem a literatura. Então, quando eu era jovem, eu sabia que deveria seguir meu pai. E os pensamentos de Booker T. Mas eu sempre quis ser professora. E meu pai me dizia: “tem muitas professoras negras, mas não temos muitas

engenheiras e cientistas negras”. Então, nos anos 1980 quando eu era estudante do High School, eu fui criada assim...eu deveria fazer algo voltado para matemáticas ou ciências. Mas eu sempre guardava a esperança de ser professora de literatura, de letras, e sempre gostava de poesia, e eu adorava a universidade dos meus pais, Tuskegee. Quando eu terminei com meus estudos em Engenharia, eu resolvi que eu iria mesmo seguir o que eu queria. Eu me doutorei em Letras. E eu desejava também me tornar professora em uma universidade historicamente negra. Eu não pensava que seria na Tuskegee. Mas então veio a oportunidade de poder atuar aqui mesmo na Tuskegee University, local em que meus pais se conheceram enquanto eram estudantes de graduação.

**Dr. Alexandra Lima da Silva:**

Que bonito isso, acaba que volta então, “volta para casa”. Então a próxima pergunta, é se você pode falar um pouco sobre seus interesses de pesquisa?

**Dr. Rhonda Collier**

Meu pai era militar, então a gente se mudava muito de um lugar para outro. Vários países. Muitas cidades. Eu sempre tive a consciência de que eu era uma pessoa cosmopolita. Uma pessoa que viaja. Meu pai nos ensinava que o mundo é grande e o mundo é seu. Então eu sempre soube disso. Quando eu era jovem a gente morava na Califórnia. Eu comecei a estudar espanhol. E fiz muita amizade com mexicanos. Então o idioma e a cultura latina, sempre fizeram parte da minha vida, desde a juventude, nos tempos em que moramos na Califórnia, por conta do trabalho do meu pai, como militar. E já neste tempo, eu já lia muito, mas estava voltada para a carreira de exatas. Então, eu só sabia de literatura pelas leituras. Foi quando um dia, nos anos 1990, eu li sobre Benedita da Silva no Rio. Eu era muito jovem, tinha uns 20 anos de idade. E eu não sabia que havia negros no Brasil. E também tinha a poesia dela, porque as pessoas não a conhecem por sua poesia ou como autora. Mas no *Essence Magazine*, que é um jornal feito por e sobre mulheres negras, falava de Benedita da Silva como política e como artista. E eu achava bacana, eu não sabia nada sobre mulheres negras no Rio. Eu achava que os brasileiros fossem brancos. Como nunca mostravam pessoas negras. Estou falando de anos 1980. Até o próprio presidente Bush falou: “hum, tem negro no Brasil?”. Ela falava isso por aqui. E quando eu aprendi que no Brasil tem muitos negros, eu disse para mim mesma: “eu quero saber mais sobre este país”. E no doutorado, eu fiz literatura comparada. E a partir deste jornal, o *Essence*, eu comecei a pensar: “eu vou trabalhar com poesia, e também vou trabalhar com a poesia do Brasil, tanto como os Estados Unidos, e decidi incluir também, Cuba, porque eu já sabia falar espanhol, mas não sabia muito sobre Cuba, e eu achava interessante porque Cuba e Brasil tiveram história de escravidão, e naquela época, há mais de 20 anos atrás, ainda não se falava muito sobre isso por aqui. Até que quando eu comecei a estudar no doutorado, eu ouvia muito: “mas o que é isso? Não existe afro-brasileiro”. Havia brasileiros e norte americanos falando isso: “que ninguém usa a palavra afro-brasileiro. Essa é uma coisa dos Estados Unidos. Mas hoje em dia todo mundo fala Afro-Brasil. Então eu comecei esse trabalho de pesquisa, mas tudo começou por uma grande curiosidade, mas também, para entender a história do outro.

**Dr. Alexandra L da Silva**

-Eu queria saber um pouco mais sobre a disciplina que você ministra, African American Literature, e a importância desta disciplina na formação dos/as estudantes?

**Dr. Rhonda Collier**

- Meu foco é na diáspora. Então os Estados Unidos, Brasil, Cuba, fazem parte da minha perspectiva ao dar essa disciplina, sobre literatura negra. Normalmente o foco é na literatura produzida pelo negro dos Estados Unidos. Então faz parte da formação e se sabe que há uma tradição de letras feitas por afro-estadunidenses. Acredito que esta disciplina seja importante porque muitos não conhecem todos os escritores dos Estados Unidos, e que tem uma tradição desde a chegada dos negros nos Estados Unidos e a produção de cultura escrita. Então é bastante importante e tem a conexão com África, em que africanos, chegaram aqui com sua história e queriam escrever. A disciplina é importante porque mostra a história do negro dos Estados Unidos através da escrita e pode sempre entrar a literatura cubana, brasileira, porque eu procuro ensinar aos estudantes que América é grande, e não é apenas os Estados Unidos da América. Todos somos americanos, e a América é grande com A maiúsculo.

Dr. Alexandra L da Silva:

Sobre a sua disciplina ainda, você teria alguma recomendação de leitura que você considera fundamental para pensar a literatura negra?

**Dr. Rhonda Collier:**

É uma área bastante grande. Porque quando eu falo de diáspora, pode ser Literatura da África, dos países da África. Pode ser literatura afro-brasileira, que já tem sua tradição também. Ou ainda, a literatura dos Estados Unidos mesmo. Eu recomendo a *The Norton Anthology of African American Literature*, como sendo um bom lugar para começar porque tem os fragmentos de textos essenciais, e essa obra tem 3 volumes. E tem as narrativas, que eu gostaria de falar como sendo Narrativas de Liberdade, e não, narrativas da escravidão. E tem documentos, tem música. Nas minhas aulas eu procuro mostrar que também a música é um texto, e faz parte da literatura. Outro livro que eu indico se chama *Call and response*, que é muito importante também, porque é importante entender que a literatura negra é também, documento: romance, novela, poesia. A fala do pregador, na igreja, é um texto. Então, a área é grande, em inglês seria, há muitas “primary sources”. Uma carta pode ser literatura, porque nossa literatura vem de histórias reais, não são ficção. Mas também tem ficção e documentos, cultura, tipo, música. Então, eu procuro ensinar que a literatura não é somente a parte escrita. É a parte viva e experiências do negro dos Estados Unidos, começando com a chegada do negro nos Estados Unidos.

**Dr. Alexandra Lima da Silva:**

E para nós concluirmos, por que você acha importante que pessoas negras no Brasil conheçam as histórias das universidades e faculdades (colleges) historicamente negros dos Estados Unidos?

**Dr. Rhonda Collier:**

-Em primeiro lugar: estamos conectados. Tem cubano, brasileiro, tem gente do exterior que sempre estudou aqui nos Estados Unidos. Há uma sede de conhecimentos de conexão. Por exemplo, tem a Universidade Zumbi dos Palmares em São Paulo, essa universidade está conectada com a gente aqui nos Estados Unidos. Ninguém está só nessa luta por direitos civis. Esse reconhecimento para o povo negro é bom para o afro-brasileiro ou o brasileiro negro, e mesmo todos os brasileiros, deveriam saber a história das Historically Black Colleges and Universities porque é uma história forte, importante, e também fez parte da história dos Estados Unidos. Henry Ford estava aqui, todos os presidentes passaram por aqui para falar com a gente. Educação é essencial. E educar seu povo, o público, o ex-escravizado, faz parte da melhoria do

nosso mundo, e tem que saber que ainda existe essa manifestação do do poder coletiva afro-americana.

**Dr. Alexandra L da Silva:**

Muito obrigada, Dr. Rhonda Collier. Foi uma entrevista muito potente e importante para construirmos diálogos, tão fundamentais para uma educação inclusiva, democrática e plural.

**Referências dos livros recomendados pela entrevistada:**

Gates Jr., Henry Louis, and Smith, Valerie A. **The Norton Anthology of African American Literature**. 3rd ed. New York: W.W. Norton, 2014.

\_\_\_\_\_ et ali. **Call and Response: Key Debates in African American Studies**. W. W. Norton & Company, Inc., 2008.